



Ana Margarida Simões

A OBRA DE ARTE E OS LIMITES ÉTICO-POLÍTICOS

Deve a obra de arte conter uma dimensão ético-política que imponha limites à liberdade de expressão do artista?

TRABALHO ESCRITO NO ÂMBITO DAS OLIMPIADAS DE FILOSOFIA, 2014

Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria
Biblioteca Escolar Clara Póvoa

Fica técnica

Título: A obra de arte e limites ético-políticos. Deve a obra de arte conter uma dimensão ético-política que imponha limites à liberdade de expressão do artista?

Ensaio filosófico apresentado ao concurso Ensaio Filosófico no Ensino Secundário promovido pela Apf

Autora

Ana Margarida Simões, 12.º LH

Professora acompanhante

Isabel Bernardo (professora bibliotecária)

Edição

Serviço das Bibliotecas Escolares do Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria Cantanhede, 2015



A obra de arte e limites ético-políticos. Deve a obra de arte conter uma dimensão ético-política que imponha limites à liberdade de expressão do artista? by Ana Margarida Simões is licensed under a Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional License.

Sumário

- φ Introdução
- φ Uma definição de *obra de arte*
- φ Posições filosóficas históricas sobre o belo e a Arte
- φ A intemporalidade da Arte
- φ O artista e a liberdade de expressão
 - A relação artista-espetador
- φ A dimensão ético-política e o caráter formativo da obra de arte
 - Moral, Ética e Política na Arte
 - A capacidade formativa da Arte
- φ Conclusão
- φ Referências Bibliográficas

Introdução

Na gênese deste ensaio filosófico está o problema "Deve a obra de arte conter uma dimensão ético-política que imponha limites à liberdade de expressão do artista?", cujo conteúdo abarca diversas disciplinas da Filosofia, como a Estética (mais especificamente a Filosofia da Arte), a Ética e ainda a Filosofia Política.

Nos últimos tempos, vários são os acontecimentos que nos têm feito questionar acerca dos limites da liberdade de expressão do artista ou sobre o caráter ético que a Arte deve assumir, pelo que o problema apresentado revela ainda mais importância perante a conjuntura atual e torna urgente uma reflexão filosófica.

Para explorar este problema, estruturei o presente ensaio da seguinte forma: começarei por apresentar a minha conceção de *obra de arte*; passarei, depois, a uma breve visão histórico-filosófica sobre a noção de belo, e daí seguirei para uma problematização acerca da intemporalidade da Arte; posteriormente, abordarei aquilo a que chamamos de *liberdade de expressão* e como esta é consolidada através da criação artística; finalmente, refletirei acerca da possibilidade de a obra de arte abarcar uma dimensão ético-política e do provável caráter educativo daquela. Deste raciocínio, pretendo tirar conclusões que deem uma resposta clara ao problema acima enunciado, a saber que a obra de arte pode encerrar em si um importante papel formativo, através da representação de valores universais, mas que nem por isso o artista se deve sentir limitado ou inibido pela sociedade de expressar o que deseja, sendo que ele mesmo deve possuir uma consciência ética capaz de o fazer refletir criticamente no sentido de saber quais deverão ser os limites éticos da sua obra de arte.

Uma definição de obra de arte

Antes de chegar ao cerne do problema levantado, importa clarificar o conceito essencial que estará na base de todo o ensaio, o de *obra de arte*. Muitos são os filósofos no domínio da Estética que se têm dedicado a esta questão, não se tendo, contudo, ainda obtido uma definição unânime de obra de arte (e de Arte, no geral).

Pessoalmente, não encontro melhor forma de definir obra de arte do que sendo um objeto ou evento, com valor estético e artístico, criado por um ser humano como forma de expressar a sua própria apreensão do mundo, podendo transfigurar esta realidade de modo a transmitir ao espetador determinadas emoções e sentimentos que o próprio artista já experienciou anteriormente.

Assim, este conceito, para além de abarcar realidades físicas e palpáveis, como o são os quadros pintados, fotografias, livros ou edifícios arquitetónicos, inclui também eventos artísticos, como um espetáculo de dança, uma representação teatral, entre outros, que visam a transmissão de emoções ao espetador através da *performance* artística.

Ainda como atributos distintivos da obra de arte estão valores como a originalidade, a criatividade, a individualidade e a intenção do artista, e quanto a fatores técnicos relevantes, a simetria, a harmonia, a expressividade, a dinâmica da obra, que fazem da obra de arte tanto melhor quanto a qualidade e riqueza do uso destes elementos.

Por conseguinte, além de me questionar se as obras de arte imutáveis, fisicamente estáticas e intemporais deverão conter uma dimensão ético-política que transpareça aos espetadores ao longo de diversas gerações, pergunto-me ainda se as obras de arte concetuais, muitas vezes postas em prática ao vivo e de forma muito dinâmica e próxima do espetador, devem também ter em atenção essa dimensão ético-política que possa ser capaz de impor limites à liberdade de expressão do artista.

Posições filosóficas históricas sobre o belo e a Arte

Já os filósofos gregos do século IV a.C. tentaram estabelecer uma relação entre o bom e o belo, e mesmo a verdade. Foi o caso de Platão, por exemplo, que, em "O Banquete" nos revela um ideal supremo de *areté* (virtude) em que o Homem é, precisamente, definido como um ser que deve ser simultaneamente belo e bom, já que estes são dois aspetos indissociáveis de uma mesma realidade.

Contudo, para Platão, a criação artística deveria limitar-se à exclusiva representação (mimese) da natureza, e bem sabemos que a Arte tem muito mais para nos oferecer do que a simples representação realística do mundo que já conhecemos por nós mesmos.

Pois também Aristóteles se dedicou à temática do belo e da obra de arte, pensando ele que o belo era inerente ao ser humano, e que a Arte é uma criação particularmente humana, não podendo encontrar-se num mundo alheio ao que é sensível ao Homem.

O próprio papel do artista era, na Grécia Antiga, diferente, uma vez que se acreditava na inspiração divina, e hoje é o artista uma espécie de deus que cria um mundo específico, talvez cópia infiel do mundo que conhecemos, e lhe dá um carácter especial e muito próprio: o seu carácter. E esse deus é, ele sim, onipotente, omnipresente e omnisciente que aspira à criação de obras de arte intemporais.

A intemporalidade da Arte

Bom, mas será a Arte, de facto, intemporal? A observação de uma pintura do século XVI, pode causar-nos as mesmas emoções que causou aos espetadores que a viram ainda nesse século. Contudo, as técnicas pictóricas usadas nessa pintura e nas pinturas de arte contemporânea não são as mesmas; muitas alterações se deram a nível dos materiais usados para a criação artística, muitas correntes existiram durante os cinco séculos que nos separam da realização de tal obra de arte, muito se passou já no mundo, desde descobertas gloriosas a guerras horrendas e injustificáveis. E ainda assim somos capazes de sentir o mesmo que os estetas do Quinhentos, não é incrível?

Não há dúvidas de que a Arte é intemporal, não pelos recursos materiais (tintas, instrumentos musicais da época, palavras usadas na linguagem dessa altura, etc.), mas pelo conteúdo intelectual e espiritual que possa abarcar; pelos sentimentos e emoções que expressa, e pelo facto de a conexão artista-espetador se poder continuar a fazer da mesma forma.

Os valores que a Arte pode transmitir, representados nas obras artísticas, sim, são intemporais, pois sempre no mundo existiram a Verdade e a Mentira, o Bom e o Mau, o Belo e o Feio, o Justo e o Injusto. Aí reside, nos valores, a verdadeira intemporalidade da Arte, que nos permite o contínuo deleite de obras artísticas com centenas de anos, e que permitirá, às distantes gerações futuras, a capacidade de se reverem nas obras que hoje, no momento presente, se criam.

Reconhecemos, então, que a obra de arte é uma forma de comunicação e expressão particular de sentimentos e emoções experienciados pelo artista e da sua própria apreensão do mundo; contudo, cada época histórica é marcada por acontecimentos sociais e políticos que não deixam o artista indiferente, para além de que os próprios recursos materiais (pigmentos das tintas para pintar, por exemplo) são distintos de época para época. Influenciados por um contexto sociocultural de especificidades, artistas da mesma época costumam seguir a mesma corrente estética, mesmo que cada um demonstre de forma meritória a sua individualidade e radicalidade criativa. Assim, a história da Arte é marcada, em linhas gerais, por uma sequência de correntes estéticas que vão emergindo e suplantando a anterior. São muito diferentes entre si, mas todas têm algo em comum: a capacidade de expressar uma visão do mundo, de transmitir sentimentos e emoções que qualquer Homem, independentemente do espaço físico ou temporal em que se situe, pode sentir.

É desta forma que, de uma obra de arte, datada de qualquer que seja o seu ano e período histórico, se pode dizer intemporal, por abarcar um conjunto de ideias, valores e sentimentos que ao longo de toda a História do Homem se têm sentido e se continuarão, irremediavelmente, a sentir.

Pois, se o artista criador é, primeiro que tudo, biologicamente, um corpo destinado à morte, o mesmo não se passa com as obras criadas (fruto da sua alma intelectual e espiritual), que se tornarão imortais, porque intemporais, e porque intemporal foi o espírito-livre do artista, capaz de expressar, à sua maneira, os sentimentos de sempre, os sentimentos de todos.

Já no que toca a eventos artísticos de duração efémera, a questão torna-se mais árdua de responder, contudo, permito-me dizer que, enquanto tal evento permanecer na memória dos seus espetadores, essa obra estará ainda viva. Obviamente, um século depois não haverá testemunhos de quem assistiu ao vivo a tal *performance* e que nos possa contar o que sentiu como recetor da obra de arte; porém, muitos têm sido os casos de espetadores, mais ou menos insígnies na História, que têm relatado, através de diários, correspondência com amigos, entre outros, as suas experiências estéticas desse momento, o que faz com que possamos tentar

reproduzir, mentalmente e hipoteticamente, fragmentos, da expressividade do espetáculo realizado.

O artista e a liberdade de expressão

"O artista é o ser mais livre" - não há mais belo lugar-comum. De facto, o Homem produtor de Arte integra em si uma liberdade irrefutável que lhe permite, através das suas obras, expressar os seus próprios sentimentos, emoções e ideias oriundos da sua apreensão do mundo enquanto pessoa individual. A própria Arte é uma forma de libertação onde, através da expressão individual, o artista pode expressar a sua opinião acerca do que, para si, está mal e valorizar o que é bom. Assim, o artista é capaz de, aliando a técnica à criatividade e à sensibilidade artística, criar uma obra "à sua maneira". A obra de arte é sempre uma obra personalizada, e só o Homem é capaz de produzir Arte.¹E, como cada Homem é único e diferente dos demais, há Homens-artistas (permitam-me o termo) que criam obras de arte extremamente realistas, que mostram, de forma crua e nua, o mundo que conhecemos, mas que não deixam de integrar nelas a sua visão particular enquanto artistas, e Homens-artistas há que produzem trabalhos que transfiguram completamente a realidade e, ainda assim, são capazes de despertar no espetador emoções intensíssimas; e tantos outros Homens-artistas existem que, de forma peculiar, nos cativam enquanto recetores da obra de arte, e nos permitem a sensação de emoções diversas.

Podemos, assim, afirmar que o artista é um ser absolutamente livre, mas será que isso lhe atribui o direito de agir de forma não-ética enquanto artista? Como é óbvio, a resposta a esta questão deve ser negativa. Não é por possuir total liberdade de expressão (da qual, afinal, todos os Homens têm o direito de usufruir, sejam ou não criadores de obras de arte), que o artista deve agir de forma *má* e não-ética durante a sua criação, ou na sua criação, sendo que há muitas formas de o fazer.

O artista é um ser que, vivendo a mesma realidade que qualquer outro Homem, a apreende de forma muito particular. Se cada Homem tem, por si, uma visão própria do mundo em que vive, vivendo todos no mesmo mundo, cada artista, além de a ter, é capaz de a reproduzir nos seus trabalhos artísticos, e de forma tão intensa que os sentimentos que o assaltaram perante momentos experienciados e reproduzidos, total ou parcialmente, na obra de arte são capazes de ser transmitidos ao espetador, que

¹ É conveniente lembrar que este ensaio aborda, dentro da Estética, somente o conceito de Arte, e não propriamente os conceitos de "belo" e de "sublime" que poderemos encontrar, por exemplo, na Natureza.

os vivenciará de maneira semelhante. Mas, sendo o artista, primeiro que tudo, ser humano e um *animal social*, este tem um poder racional e crítico perante a realidade que o rodeia, e, ao criar uma obra de arte, esses pensamentos críticos poderão, direta ou indiretamente, estar presentes nela e revelar muito do Homem-artista autor daquele trabalho. Quer isto dizer que o artista é um ser capaz de usufruir, concomitantemente, da sua liberdade de expressão e da sua sensibilidade estética, para avaliar o mundo que o rodeia e que ele apreende de forma particular. E este Homem-artista tem todo o direito de o fazer de forma aberta e destemida. O que é necessário é que o próprio artista seja um ser consciente relativamente àquilo que está a produzir e às consequências que a apresentação publicada da obra de arte possa trazer a si e à sociedade, no geral.

Assim, parece-me que não podem, ou não devem, existir limites externos à liberdade de expressão do artista, mas sim limites internos. Ou seja, a meu ver, não é a sociedade que deve ter a função de dizer o que é que é *bom* representar numa obra de arte, ou que valores devem nela ser expressos, mas é o próprio artista o principal responsável por uma vigilância ética ao conteúdo das suas obras. Apesar de o artista dever ser dono da sua inteira liberdade criativa e de expressão, é dever deste refletir, sob os alicerces da ética e da política enquanto autorreguladores dos comportamentos individuais e reguladores legítimos da sociedade, até onde poderá ir na sua criação, que limites deverá impor na sua obra. A arte deve estar submetida aos valores da Ética e da Política, pois a Arte é feita por Humanos e para Humanos, e temos de considerar o outro como um ser cujas ideias, crenças, valores podem ser diferentes dos nossos, respeitando-os.

A relação artista-espetador

Essa compreensão do outro é, realmente, importante para que possamos viver, em sociedade, de forma harmoniosa. Contudo, temos plena noção de que todos somos diferentes, em personalidade e também nas crenças e ideologias, nas nossas opiniões e na leitura que fazemos do mundo. Assim, mais do que falar no artista como um criador de obras tão próprias e individuais, importa realçar que também cada espetador apreende a Arte à sua própria maneira, e que a mesma obra poderá gerar em espetadores diferentes reações antagónicas. Generalizando, podemos afirmar que se, por um lado, há um público que se mostra sensível, chocado e até ofendido perante a caricatura de alguns temas-tabu, existe, por outro lado, quem não "veja arte"

nas obras que se limitam à forma e que aparentam não "contar nenhuma história" nem transparecer qualquer mensagem ideológica. Não será um paradoxo? Tomemos, para este último caso, o exemplo dos pintores fauvistas. Em 1905, o Salão de Outono, em Paris, acolheu uma exposição de pintura onde uma multiplicidade de cores e tons eram usados de forma arbitrária e sem qualquer conteúdo ou mensagem a transmitir tanto que o crítico de arte Louis Vauxcelles os comparou a feras (*fauves*), tendo surgido o termo fauvismo para caracterizar aquela corrente estética. Henry Matisse, o líder dessa corrente, afirmou mesmo que o fauvismo correspondia a *uma arte do equilíbrio, da pureza e da serenidade, destituída de temas perturbadores ou deprimentes*². Semelhantes críticas têm recebido os pintores abstracionista, os compositores de música dodecafônica e atonal, entre outros.

Serão, porventura, estes dilemas os que nos levam a incessantes questões acerca da definição de Arte, da sua finalidade e demais características. Deve ou não ela passar sempre uma mensagem do artista para a audiência? E o que dizer do facto de as obras de arte, uma vez que correspondem, quase sempre, a representações simbólicas e concetuais, serem subjetivas? Afinal, havendo um único criador para cada obra, ela pode ser recebida de tantas formas quantas o número dos seus espetadores. Aliás, esse número aumenta exponencialmente se atentarmos que o mesmo espetador pode sentir aquela obra de forma mais ou menos diferente de cada vez que está perante ela, interferindo aqui quer a infinidade de elementos e expressões que a obra nos pode oferecer, quer o contexto biológico, psicológico e social do próprio espetador, naquele momento.

Resumidamente, espetadores diferentes da mesma obra de arte têm visões diferentes dela, percebem-na de maneira diferente, *leem* o seu simbolismo de forma diferente, apreendem-na numa multiplicidade de maneiras possíveis, ou não fosse o mundo da arte um mundo infinito de possibilidades. Assim, de pessoa para pessoa, varia também a escala de liberdade de expressão que o artista pode possuir. Obviamente, enquanto espetadores, jogaremos de forma a impedir que se dê visibilidade a obras artísticas que toquem nos nossos "calcanhares de Aquiles" e que denunciem uma realidade não-ética que conhecemos e calamos. Mas, sendo tudo isto tão subjetivo, o que mais exigir do que ser o próprio artista a usar da sua consciência ética para definir até onde deve ou não ir na sua obra?

O artista é um ser livre, mas tem de ser um ser ético. Outra pergunta mais alta se levanta: ser ético não passa por demonstrar e criticar o que não é ético? Não é ser

² Citação de Henry Matisse, em *Notes d'unPeintre*.

ético querer, de forma pacífica e talvez passiva (porque meramente simbólica e concetual), mudar o que está *mal* - e não é ético -e criar um mundo melhor.

O facto de uma obra de arte estar já a transmitir ideias, a contar histórias que estimulem o sentido analítico e crítico do recetor, e a proporcionar-lhe sensações sublimes não é já ser uma ação ética? Poder encerrar na sua obra de arte uma dimensão ético-política é um apanágio do artista, ainda que ele não tenha de se sentir obrigado a usufruir dessa capacidade.

A dimensão ético-política e o carácter formativo da obra de arte

Moral, Ética e Política na Arte

Importa, agora, esclarecer o que significa submeter-se aos valores da Ética e da Política. A filósofa espanhola Adela Cortina afirma que a Ética consiste em "conjuguar justiça e felicidade". De facto, em poucas palavras, podemos dizer que a Ética serve como um autorregulador individual que nos permite avaliar se as nossas ações são *boas* ou *más*. A Ética leva-nos, de forma regulada, a descobrir qual a melhor forma de viver, ou seja, de alcançar a felicidade. Se cada pessoa repensar as suas ações e tentar fazer não só aquilo que é melhor para si, como também o que é melhor para os outros, ou pelo menos o que não os prejudique e lese, então estará no caminho certo e o mundo poderá tornar-se num lugar mais justo e harmonioso. Mas essa justiça e harmonia não está somente relacionada com a dimensão ética da ação humana; também a sua dimensão política é relevante, uma vez que o ser humano vive em comunidade, em sociedade, e é necessário que essa sociedade seja regulada de forma coerente, através de leis e regras que todos os cidadãos devem cumprir.

Estes limites podem estender-se também aos materiais usados pelo artista para criar a obra de arte. Tudo é permitido no plano das ideias. O artista sonha, pensa, cria, e ninguém o pode impedir de se expressar simbolicamente. No plano das ideias tudo é possível e tudo é viável de ser expresso. Acontece que essas ideias são representadas fisicamente, através de diversos materiais. Nos casos mais específicos da escultura ou das artes performativas, que exigem o uso de materiais a três dimensões e, muitas vezes, de corpos humanos, de vidas, há que ter especial atenção à dimensão ético-política desse objeto ou evento artístico. Isto é, o artista tem total liberdade de expressão para criar e representar o que deseja e intenciona; contudo, uma vez que, para essa representação, o artista necessita de usar e se servir de

objetos reais e palpáveis, há que haver uma consciência que lhe permita distinguir o que é ético do que não o é.

Assim, a utilização de animais vivos numa obra de arte, a título de exemplo, deve ser cuidadosamente pensada pelo artista, pois não é ético fazer uso da vida de outrem em prol de uma representação artística, sobretudo de causarmos sofrimento a essa vida. No plano material, urge a delimitação individual de limites éticos pelo artista, de forma a não ferir nem lesar qualquer ser senciente. No plano das ideias, também deve haver uma reflexão cuidada, mas de índole diferente.

O que as sociedades humanas se têm limitado a fazer, praticamente desde sempre, é estabelecer padrões morais próprios que possam, direta ou indiretamente, reger o comportamento dos seres humanos a nível individual e social. Vejamos um exemplo concreto. Nem sempre por palavras claras, mas de um modo negativamente inefável, a sociedade católica tradicional tem vindo a revelar-se contra a exposição de ideias anticlericais em obras de arte. Os que têm arriscado criticar racionalmente a instituição Igreja, ou o comportamento de alguns dos seus elementos, ou os que criam estereótipos justificáveis têm sido, ao longo da História, alvo de difamação, perseguição, tortura. Se, numa "legislação" moral informal, a sociedade nos impõe que tal representação artística está errada, a ética não pode falar tão alto.

Porquê deixar de criticar a hipocrisia da Igreja, então, quando ela é bem visível, ainda que, moralmente, a sociedade nos ameace de que não o "podemos" fazer? Há que superar a moral e pensar ao nível da ética. Se o artista tem uma grande sensibilidade, dos sentidos e das emoções, porque não usá-la também nos atributos humanos? A necessidade da ética é uma necessidade urgente, mas não podemos ambicionar uma ética que se limite a regras rígidas e imutáveis. Precisamos de alcançar uma ética de empatia, em que se respeite e tolere o outro; não desalmadamente, sem criticar o que de "mau" o outro tem e que pode e deve ser corrigido, mas tentando compreendê-lo e aceitá-lo com as suas características.

Entramos, aqui, na questão da tolerância. Sonhamos um mundo tolerante perante as diferenças, um mundo que tarda em revelar-se concretamente, mas será correto tolerar acriticamente as diferenças do outro? As obras de arte têm-se mostrado, por via da enorme liberdade de expressão do artista, certas armas críticas. Se o outro é diferente de mim, vou tentar respeitá-lo ao máximo e ser tolerante, mas não será por isso que deixarei de criticá-lo quando ele não está a agir eticamente. Leva-nos isto para a problemática da diversidade cultural, outro assunto que obrigaria a um outro ensaio filosófico, mas cujo cariz pretendo apenas resumir na ideia de que há que respeitar a diferença e tentar a compreensão e integração de

todos os seres humanos, independentemente da sua cultura ou da sua personalidade própria, mas não é por essa razão que podemos deixar de ser críticos perante as suas ações e tentar um diálogo pacífico quando acreditamos que eles não estão a agir eticamente. Muitas vezes, a tentativa de diálogo é feita através da Arte, acabando, porventura, por ser mais uma tentativa gorada. O que de dialógico existiria entre mensagem expressada pelo artista e reação emotiva e, depois, racional, do(s) espetador(es), limita-se, por vezes, a manifestações de revolta e de violência por parte dos espetadores que não souberam ver na obra de arte um objeto ou evento de carácter intelectualizante e crítico.

Vêm-me à mente exemplos empíricos acerca desta ideia. Um deles consta no atentado à sede do jornal satírico Charlie Hebdo, em Paris, a 7 de janeiro de 2015. Razão para dois irmãos muçulmanos atingirem mortalmente doze indivíduos: ódio extremo e desejo de vingança perante caricaturas publicadas no mesmo jornal, onde Maomé e outras reconhecidas personalidades islâmicas são satirizadas e criticadas. O outro exemplo remete-nos para uma publicação de 1992, no Expresso, em que o caricaturista António nos apresenta uma ilustração do papa João Paulo II com um preservativo no nariz, criticando a posição do Vaticano quanto ao uso de métodos contraceptivos artificiais, ainda que desta forma a propagação da SIDA fosse maior. Também neste caso houve reações de descontentamento e desacordo, ainda que de forma muito mais pacífica e diplomática.

A capacidade formativa da obra de arte

A História da Arte está repleta de obras que, pela sua capacidade formativa, têm vindo a ser estudadas em diversos contextos. Refiro-me particularmente àquelas que são capazes de transmitir importantes mensagens, que traduzam valores que nos façam repensar as nossas atitudes e que nos tornem pessoas melhores. Efetivamente, a Arte é um segundo mundo pleno de ideias, conceitos, imagens, personagens, histórias que podemos absorver e sobre as quais devemos refletir. Muitas das quais nos fazem crescer.

Nem todas as obras causam em nós o deleite com uma representação estética de sublime beleza; há obras que representam momentos de horror, de profunda tristeza e dor, de um intolerável vazio. Refiro-me eu a obras que, não sendo as mais agradáveis, são capazes de suscitar em nós emoções muito intensas, talvez mais ainda do que as obras que nos cativam apaixonadamente.

Um exemplo de uma obra que revolucionou o mundo é *Guernica*, do pintor espanhol Pablo Picasso. Trata-se de um painel inspirado no bombardeamento da vila homónima pela força aérea alemã, ocorrido em 1937, que causou a morte a dezenas de seres humanos. A obra é um espelho da conjuntura social da época, e transparece sentimentos de sofrimento, brutalidade e dor. Esta obra pode chocar pela sua crueldade, mas é afinal um reflexo de uma situação bem real. Através dela, podemos ter uma boa lição de História, e podemos refletir acerca de acontecimentos reais, dos erros do passado e da própria condição humana. Muito temos a aprender com a Arte.



Figura 1 - *Guernica*, Pablo Picasso, 1937

No campo da literatura, podemos referir o livro "Lolita", da autoria de Vladimir Nabokov, e publicado em 1955. Ainda que o enredo abarque cenas de conteúdo que, para muitos, é pouco moral, o valor estético da obra é considerável. Porque deveria o escritor impedir-se de lançar o livro publicamente, se as sensações que a obra pode provocar no leitor/recetor são tão intensas? Não poderemos interpretar a obra como um estímulo para a reflexão dos valores morais da época?



Figura 2- *La Katharsis*, José Clemente Orozco, 1934-1935.

Já esta obra mexicana engloba uma crítica à sociedade de massas degradada e a denúncia dos perigos do progresso tecnológico. Através de uma composição caótica, do uso de cores brilhantes e da representação de uma cena muito dramática, o artista transfigura a realidade, para lhe atribuir um cunho ainda mais crítico e opinativo.

Olhando para um exemplo mais atual, de forma mais informal, através da arte urbana e *street art*, também o artista Banksy tece críticas à sociedade contemporânea, promove o debate e a reflexão e apela à mudança. O papel formativo das obras de arte ao longo da História vai sendo renovado e não pode cair no esquecimento.

Quer sejam inovadoras em forma, quer sejam destemidas em conteúdo, obras de arte como estas fizeram evoluir o mundo, proporcionaram reflexão à sociedade e criaram emoção, tensão e sentimento.

Essas obras, chocantes, que por vezes levantam enorme polémica, fazem refletir, e "agitam as águas". São essas as que permitem a História da Arte andar para a frente, evoluir, e a tornam tão rica como hoje a conhecemos. O que seria se no passado não tivessem existido corajosos artistas capazes de chocar o mundo, de criticar o que era entendido como impecável? Talvez essas obras de arte permitam ainda maior reflexão do que as que são meramente agradáveis.

Porém, urge fazer um pertinente reparo: mesmo as obras de arte "meramente agradáveis" podem ter, implicitamente, um cunho formativo importante. A expressão latina *ridendo castigat mores*, que significa "a rir se castigam os costumes", realça bem esse facto. Pensemos nos autos de Gil Vicente, que causavam o riso geral pelas cenas cómicas: não sendo viável afirmar que ofendessem o público, elas eram, através do humor, capazes de tecer duras críticas à sociedade e estimular a mudança. O mesmo aconteceu, mais próximo do nosso tempo, com o filme "Tempos Modernos", de Charlie Chaplin, que representava criticamente a época em que a máquina começou a substituir o Homem.

As obras de arte, ao fazer-nos refletir, têm uma função fulcral na nossa formação integral enquanto seres humanos.

Por isso, concluo que, globalmente, uma obra de arte que choque por transmitir destemidamente uma mensagem social é ética, política e socialmente *melhor* do que uma que choque meramente pelo seu aspeto formal e estético. Concretizando esta ideia, apresento o caso do bailado "A Sagração da Primavera". Tendo estreado em Paris, em 1913, este espetáculo não foi bem recebido parte do público, que não gostou do que viu e ouviu (pelas coreografias ditas violentas e por uma música difícil de ouvir, do compositor moderno Stravinsky) e, entre repetidas vaias, começou a abandonar a sala. Neste caso, a reação do público não foi favorável não por

discordarem a nível do conteúdo, mas sim por não terem apreciado os elementos formais modernistas da obra, que, acompanhando essa revolucionária corrente estética, defendiam a rutura artística, a inovação e a criatividade. Continuando a atender as vanguardas do século XX, também Marcel Duchamp foi o criador de uma obra polémica, pela forma mais do que pelo conteúdo inteligível (ou pela falta dele, uma vez que o Dadaísmo era precisamente a apologia do absurdo). A célebre *Fonte* não transmite diretamente uma mensagem temática, mas pode fazê-lo de forma mais subtil através do debate que gerou a nível da questão "o que é a Arte?". Estes são bons exemplos do carácter formativo (da Arte) que pode estar presente não meramente a nível da interpretação da mensagem temática das obras e dos valores que estas transparecem diretamente, como também através do debate social que suscitam devido unicamente ao seu conteúdo formal.

Não podemos afirmar que uma obra de arte que transmita uma mensagem que possa provocar repugnância geral aos espetadores seja *artisticamente* melhor do que uma cuja mensagem seja aceite passiva e pacificamente pelo público ou do que uma cujo conteúdo formal se sobreponha largamente ao conteúdo temático. A avaliação artística é altamente subjetiva e relativa. Contudo, podemos, sim, falar em obras cuja dimensão ético-política seja valorizada perante outras onde somente os elementos formais ganham destaque. E as obras que abarcam em si valores humanos intemporais e muito importantes na sociedade encetam um carácter formativo e educativo que não poderemos desprezar, pelo tanto que temos a aprender com elas. Talvez isto nos faça duvidar de Oscar Wilde, quando afirma que *toda a arte é completamente inútil*.

Conclusão

Ao longo deste ensaio, procurei construir um raciocínio que me levasse a uma conclusão acerca do problema "Deve a obra de arte conter uma dimensão ético-política que imponha limites à liberdade de expressão do artista?". Deste modo, após uma reflexão cuidada acerca do problema em questão, cheguei à conclusão de que o artista, ainda que dotado de total liberdade de expressão, deve considerar por acréscimo, aquando da sua criação artística, uma dimensão ético-política que o faça refletir e problematizar sobre se a sua obra de arte incorpora valores que, ao serem recebidos pelos espetador, podem, de alguma forma, contribuir para a sua formação ética e política, para uma ideia mais positiva de humanidade e para uma maior aproximação entre humanos.

Isto é, o artista que, em nome da liberdade de expressão e da sua individualidade, arrisca dar a conhecer ao mundo os seus ideais e a sua forma de compreender certas realidades, mesmo que estes sejam radicais e inesperados, deve ser reconhecido pela sua coragem; ainda assim, uma vez que vivemos em sociedade e temos todos alguns objetivos de vida que nos são comuns, como os de sermos felizes e ajudar a construir um mundo melhor, o artista deve questionar-se incessantemente acerca da obra que irá revelar ao público, acerca dos valores que está a representar nela, acerca do eventual poder formativo que ela poderá estar a incentivar ou a negar.

Sucintamente, o artista deve fazer um bom uso da liberdade de expressão que está ao seu alcance, mas tomando consciência de que ele não será o único a confrontar-se com a sua obra, e de que deve, portanto, existir uma consciência ético-política que oriente alguns dos seus procedimentos. Isto não impede que o artista não crie uma obra cujo valor artístico se limite a elementos estéticos e formais, mas há que considerar que uma obra de arte poderá ser tanto mais rica, pelo menos a nível formativo, quanto mais rico for o seu conteúdo temático e a mensagem social que transmite.

A Arte pode assumir, portanto, um importante papel formativo na vida do Homem, que não podemos desprezar. Se as obras de arte despertam em nós, no geral, emoções e sentimentos intensos e catárticos, também a Razão pode ser estimulada, através do proporcionar da reflexão e da crítica individual do espetador. A Arte é um bom exemplo de como a Emoção e a Razão se podem aliar e despertar no Homem a vontade de mudança individual (através da dimensão ética) e social (pela dimensão política).

Resta-me encerrar este ensaio com uma citação de Bertolt Brecht um dramaturgo que, não desprezando o caráter emotivo do teatro, lhe deu um cunho social interventivo muito próprio, revolucionando a história desse gênero artístico.

*Do rio que tudo arrasta se diz que é violento.
Mas ninguém diz violentas as margens que o comprimem.*

Pois, porque haverá o espectador de ficar constantemente ofendido com obras de arte que mais não fazem do que transmitir uma leitura (ainda que individual) do real e incentivar à mudança? É a sociedade que constantemente impõe normas morais insustentáveis e parece querer exterminar a liberdade de expressão dos artistas. Deixemos a eles o papel de refletirem eticamente acerca da vontade de transparecerem ou não, nas suas obras, uma dimensão ético-política que possa contribuir para a nossa formação como seres humanos.

Referências bibliográficas

Centro de Investigação para Tecnologias Interativas. (s/d). *A grande polémica*. Disponível em: http://www.citi.pt/cultura/artes_plasticas/caricatura/antonio/papa.html

Cortina, A. (2013). *¿Para qué sirve realmente...? La Ética*. Barcelona: Paidós.

Jaeger, W. (2001). *Paidéia. A formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes.

Museo Palacio de Bellas Artes. (s/d). *Murales*. Disponível em: <http://museopalaciodebellasartes.gob.mx/assets/descargables/murales.pdf>

Pita, A. (1999). *A Experiência estética como experiência do mundo*. Porto: Campo das Letras.

Quintás, A. (1991). *Para comprender la experiencia estética y su poder formativo*. Navarra: Editorial Verbo Divino.

Régio, J. (1980). *Três ensaios sobre arte* (2.^a ed.). Porto: Brasília Editora.

Vale, L. (2005). *A estética e a questão do belo nas inquietações humanas*. Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/046/46cvale.htm>

Wikipedia. (2015 maio 14). *Fauvismo*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Fauvismo>